

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

O difícil diálogo entre irmãos [The difficult dialogue between brothers]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Barros, Marcelo
Publisher	EATWOT's International Theological Commission
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-05 21:58:00
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/223104



O difícil diálogo entre irmãos

Proposta para um diálogo cristão-islâmico na América Latina

Marcelo BARROS

Recife, Brasil

Nas últimas décadas, de alguma forma, o Islã esteve no centro das discussões políticas do mundo, seja por causa da onda de migrações que tomou conta da Europa e dos países do norte, seja por causa das oposições políticas que usam o nome do Islã, como agora se fala de “Estado Islâmico”, apesar de algumas reportagens denunciarem que se trata de uma farsa produzida em conluio com o governo norte-americano para justificar o começo dos bombardeios americanos contra a Síria¹.

Na América Latina, o Islã é uma religião minoritária, ainda restrita quase exclusivamente ao grupo de migrantes de países de cultura árabe presentes em diversos países. Tanto na realidade presente, como na história, o Brasil tem um contato com a cultura islâmica, seja pelas raízes em comum com Portugal e Espanha, que, durante séculos, conviveu com os muçulmanos que ocuparam o sul da Península Ibérica, seja por causa dos migrantes, vindos de países árabes que moram com suas colônias em São Paulo, no sul do Brasil e no Centro-oeste.

Na história do Brasil, no século XIX, em Salvador (Bahia), houve uma grande rebelião dos escravos muçulmanos, na época chamados de “malê”. Eram em sua maioria africanos de etnia nagô e hauassá. Eram mais de 500 homens. Na noite de 24 a 25 de janeiro de 1835, liderados pelo escravo Mala Abubakar, eles saíram de Vitória (atual bairro da Barra) e invadiram Salvador tentando tomar os quartéis, derrubar o governo e transformar a Bahia em uma nação muçulmana. O movimento foi vio-

¹ Ver artigo de Reginaldo Nasser em www.cartamaior.com.br

lentamente reprimido e, como a religião muçulmana foi considerada o estopim da revolta dos escravos, essa religião foi proibida aos negros durante todo o tempo do Império. Na época, o Cristianismo era a religião dos proprietários de terra que escravizavam os negros e o Islã era a religião de escravos e mais do que de outros escravos, proibida pelo sistema. Evidentemente, em tal contexto não se podia pensar em diálogo entre cristãos e muçulmanos. Esse diálogo não se tornou possível até as décadas mais recentes.

1. Experiências recentes e atuais.

Desde os anos 60, o Conselho Mundial de Igreja tomou várias iniciativas para unir ao trabalho ecumênico esforços no sentido de diálogo inter-religioso, especificamente com o Judaísmo e o Islã. Da parte católica, esse diálogo foi praticamente inaugurado com a publicação da declaração *Nostra Aetate*, do Concílio Vaticano II (1965). Na América Latina, houve mais experiências de contato e diálogo entre cristãos e judeus do que diretamente com muçulmanos.

Desde vinte anos, existem algumas iniciativas de diálogo entre cristãos e muçulmanos na região das três fronteiras (Brasil, Argentina e Paraguai, na região de Foz do Iguaçu). Também nos últimos anos, a partir da URI (Iniciativa das Religiões Unidas), houve certo contato e diálogo amigo entre cristãos e skeiks sufis de São Paulo. Desde o início dos anos 90, uma vez ao ano, em Campina Grande, PB, se realizam os encontros “para a nova consciência”. O que caracteriza esses encontros durante os dias de Carnaval é que são encontros entre pessoas crentes e que não precisam representar a sua religião. Em Campina Grande, se dá talvez a única experiência de encontro interreligioso que não é pensado para chefes, nem sacerdotes e sim para crentes comuns. No entanto, todas essas experiências ainda são localizadas e restritas.

No pequeno mosteiro beneditino da Anunciação do Senhor, em Goiás, que funcionou de 1984 a 2009, diariamente, os ofícios litúrgicos do meio dia eram realizados pelos irmãos e irmãs do mosteiro (todos cristãos) em comunhão com uma das grandes religiões da humanidade. E cada sexta feira, dia sagrado para os muçulmanos, fazíamos o ofício em comunhão com os irmãos e irmãs do Islã. Cada sexta feira, ao meio dia, cantávamos mantras em árabe que proclamavam a misericórdia de Alá e líamos um texto do livro sagrado. Isso me deu a possibilidade de conhecer o Corão do início ao fim e reler várias vezes o mesmo texto. Lembro-me de ter descoberto que, da parte do Islã, segundo o Corão, o diálogo dos crentes com as “pessoas do livro” (judeus e cristãos), não

somente é possível, mas útil e bom. O texto é claro: “Não disputai com o Povo do Livro, exceto no modo melhor ou no caso desses transgredirem. Nós cremos naquilo que nos foi enviado e naquilo que foi enviado para vós. O nosso Deus e o vosso Deus é o mesmo Deus e a Ele nos submetemos” (Corão 29: 46).

2. Diálogo a partir da cidadania e da sociedade plural

Nos anos mais recentes, como esse panorama entre as religiões não tem mudado e nem revelado nenhuma nova abertura, parece que a própria sociedade e mesmo os governos têm se preocupado em promover o diálogo intercultural e interreligioso. Em um mundo marcado por guerras e conflitos surgidos a partir de injustiças sociais e econômicas, de segregação cultural, mas também de fundamentalismos religiosos, cada vez mais o diálogo entre cristãos e islamitas interessa não somente aos membros das duas religiões, mas ao mundo todo. Por isso, nas últimas décadas, na América Latina e em várias partes do mundo, têm surgido diversas iniciativas de fóruns e mesas de diálogo que promovem e estimulam o diálogo entre pessoas de religiões diferentes. Entre essas, se encontram na mesma equipe ou fórum, cristãos e muçulmanos. Essas iniciativas são laicais, têm em vista questões sociais como a paz e a justiça e a luta contra a discriminação. Em alguns estados brasileiros, principalmente no sul, cristãos e islamitas se encontram e dialogam nas Comissões estaduais pela Diversidade Religiosa e contra a Discriminação, organismo ligado à Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República.

O objetivo desse diálogo é assegurar à sociedade um testemunho e o trabalho comum de pessoas de várias tradições religiosas, por uma sociedade de diálogo intercultural e que conviva melhor com as diversidades. A base dos grupos constituídos para isso é a convicção de que a sociedade deve ser laical e todas as pessoas devem ter total liberdade de expressão religiosa e cultural. No entanto, é normal que as pessoas que creem em Deus, tanto membros de outras religiões, como no nosso caso, cristãs e muçulmanas, busquem aprofundar a base desse diálogo nas próprias expressões de fé e não apenas nas leis da sociedade e dos países. Mesmo se, nesses fóruns, os crentes se encontram como cidadãos e preocupados em lutar no plano social e político, (e não propriamente do diálogo sobre a fé e o culto), não há como separar essas dimensões e esses grupos têm colaborado por uma aproximação no plano da fé de pessoas e grupos que pertencem à tradição cristã e à tradição muçulmana.

3. Pontos delicados e desafios para o diálogo

Há vários comentários do Corão que insistem em evitar a priori posições rígidas e dogmáticas. Um *baddit* conta que o profeta saudou com a paz (*salam*) crentes e não crentes, adoradores de Deus².

O convite para a moderação e a abertura ao diálogo é também em relação às pessoas que não têm o livro, como aparece claro no verso 108 da surata 6: “E não insulteis aqueles que invocam outros que Deus”.

Da parte dos cristãos, embora não se possa falar em diálogo propriamente dito, hoje se sabe que os místicos islâmicos medievais influenciaram profundamente místicos cristãos como Santa Tereza d’Ávila e talvez mesmo São João da Cruz que, embora sem citar, em vários de seus escritos, têm textos muito semelhantes aos místicos sufis medievais.

Evidentemente, ao tratar desse tema, só posso olhá-lo a partir da perspectiva cristã. Devemos escutar os irmãos e irmãs do Islã para saber como eles sentem essas questões.

Mas, pelo momento, clareemos alguns princípios e critérios:

1o - Dialogar é entrar na lógica do outro. Isso significa que o outro – o diferente – é acolhido como é – em sua diferença radical e não se trata de dialogar a partir das semelhanças e pontos de acordo.

2o – No acolher o outro e sua fé como ela é, não existe uma relativização confusa da nossa própria identidade. Aceitamos sim relativizar nossa expressão de fé (não fazer isso seria ficar presos ao dogmatismo) para aprender com o outro, mas sem que seja necessário crermos como o outro, ou pensarmos como ele.

3o - Com ele, alargamos nosso olhar e enriquecemos nosso modo de compreender e viver a fé, aceitamos as perguntas e questões que o encontro e o diálogo nos proporcionam e estimulam.

Provavelmente, o diálogo entre cristãos e muçulmanos nos ajudará como cristãos a aprender a viver e expressar nossa fé de modo que a pessoa de Jesus Cristo não pareça obstáculo para nos colocarmos no diálogo com os judeus e islamitas que insistem na unicidade de Deus.

Também podemos aprender do Islã e ajuda-lo a aprofundar a relação entre fé e política, aprofundando a nossa missão de crentes no mundo de hoje.

² Citado em SORAVIA, GIULIO, *Il difficile dialogo islamo-cristiano*, in *Confronti* 9, settembre 2011, pp. 57.